

FACULDADE PADRE JOÃO BAGOZZI
CURSO DE PEDAGOGIA

**A INTERAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA COM AUTISMO NA SALA DE AULA
E AS RELAÇÕES DE APRENDIZAGEM**

CURITIBA
2013

A INTERAÇÃO SOCIAL DA CRIANÇA COM AUTISMO NA SALA DE AULA E AS RELAÇÕES DE APRENDIZAGEM

Camila Lacerda Seco¹
Daniely de Oliveira de Moraes²
Humberto Silvano Herrera Contreras³

RESUMO

O autismo é um distúrbio que afeta o comportamento do indivíduo no aspecto de socialização, comunicação e nas áreas cognitivas, no que diz respeito à integração que inclua tanto as deficiências quanto suas competências. O objetivo da pesquisa é descrever a síndrome do autismo e também alguns métodos para auxiliá-los no desenvolvimento global, social e de interação. Enfatiza-se a dificuldade em suas relações de aprendizagem e interação com o objetivo de buscar respostas para uma série de questões sobre este tema. Apresentam-se orientações e métodos de intervenções tanto para os familiares quanto para os profissionais que fazem parte da vida dessa criança, pois, é importante estar ciente das dificuldades desse indivíduo, tanto no âmbito comportamental e como que ocorre a sua aprendizagem. A pesquisa é de caráter bibliográfico e documental a partir dos estudos publicados e de sites sobre o tema. O trabalho concluiu que a criança com o autismo possui particularidades na aprendizagem e que necessita de um método especializado de direcionamento, do qual escola e família participem da construção de conhecimento.

Palavras-chave: Criança com autismo. Aprendizagem. Interação Social. Escola. Família.

¹ Acadêmica do Curso de Graduação de Pedagogia da Faculdade Padre João Bagozzi

² Acadêmica do Curso de Graduação de Pedagogia da Faculdade Padre João Bagozzi.

³ Professor orientador.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda diferentes estudos relacionados ao autismo, onde inicialmente é apresentado um breve histórico sobre essa síndrome, conceituada pelo psicólogo norte-americano Leo Kanner nos anos cinquenta, que desde então, desencadeou diversas justificativas, explicações, e teorias que foram desenvolvidas para compreender variadas questões que foram levantadas nesse período, porém, somente a partir de 1980 foram surgindo novas tecnologias de estudo que puderam esclarecer um pouco mais sobre esse tipo de comportamento.

Por conta disso, observa-se que as crianças com autismo⁴ tem um desenvolvimento com alterações nos aspectos de socialização comunicação e nas áreas cognitivas, no que se refere à integração que inclua tanto as deficiências quanto as competências desses indivíduos. Apesar dos sintomas variarem amplamente, apresentam-se de uma maneira objetiva e clara as características mais comuns e marcantes, o que explica por que atualmente refere-se ao autismo como um espectro de transtornos. Sendo assim, em seguida, aborda-se como poderá ser realizado o diagnóstico, que se trata de um caso clínico e feito através de observação direta do comportamento e conversa com os pais ou responsáveis, pois entendendo como estas crianças se comunicam e como o mundo pode comunicar-se com elas é possível construir propostas mais próximas e eficientes para proporcionar a melhoria das condições de vida para esses indivíduos ressaltando os diferentes métodos de tratamento e a importância dos mesmos nesse processo.

Este trabalho também poderá contribuir para os profissionais que trabalham com crianças com autismo, pois é dado um enfoque na relação do professor e aluno em sala de aula no sentido em que ocorre suas relações dentro processo ensino-aprendizagem, permitindo uma melhor compreensão sobre esta síndrome e aspectos do desenvolvimento envolvidos, possibilitando uma detecção e intervenção precoce.

São apresentadas variadas orientações tanto para os familiares quanto para os profissionais envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem. Por isso, é de suma importância à intervenção intensa, ampla e duradora para essas crianças, sendo filhos e/ou alunos o que justifica uma dos principais objetivos da construção deste artigo.

Além da importância da compreensão tanto por parte familiar quanto profissional, o

⁴ Fez-se opção por usar o termo “criança com autismo”, e não “criança autista”, por considerar a síndrome um diagnóstico, não limitando ao sujeito criança a esse distúrbio.

trabalho justifica-se pela necessidade de buscar respostas para uma série de questões sobre este tema, que muitas vezes é tratado como estereótipo de que crianças com autismo não se comunicam, ou seja, é objeto de debates e frequentes mudanças em sua conceituação e encaminhamento metodológico.

Para isso, foram realizados estudos baseados em pesquisas, livros, reportagens, artigos científicos e sites específicos. Nessa perspectiva, o artigo apresenta-se subdividido em cinco capítulos onde o leitor poderá refletir e compreender objetivo da pesquisa, que é descrever a síndrome do autismo e também alguns métodos para auxiliá-los no desenvolvimento global, social e de interação, com ideias para familiares e professores que tem uma forte influência na vida dessas crianças.

2 A CRIANÇA COM AUTISMO

Quando se ouve falar sobre o autismo, poucos sabem seu real significado. Historicamente a palavra “autismo” deriva do grego “*autos*”, que significa “voltar-se para si mesmo” (MELLO, 2004). A primeira pessoa a utilizá-la foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler, para a realização de um diagnóstico de Esquizofrenia, fazendo referência a uma tendência do esquizofrênico de “ensimesmar-se”⁵, tornando-se alheio ao mundo social, fechando-se em seu mundo, como até hoje se acredita sobre o comportamento autista.

Em 1943, o psicólogo norte-americano Leo Kanner estudou com mais atenção 11 pacientes com diagnóstico de esquizofrenia. Observou neles o autismo como característica mais marcante. Este evento deu origem à expressão “Distúrbio Autístico do Contato Afetivo” para se referir a estas crianças. O psicólogo chegou a dizer que as crianças com diagnóstico de autismo já nasciam assim, dado o fato de que o aparecimento da síndrome⁶ era precoce. À medida que foi tendo contato com os pais destas crianças ele mudou a sua opinião. Começou a observar que os pais destas crianças estabeleciam um contato afetivo distante no relacionamento com os filhos o que promoveu neles uma hostilidade inconsciente a qual seria direcionada para situações de demanda social (COSTA E SILVA, 2005).

As hipóteses de Kanner tiveram forte influência no referencial psicanalítico da síndrome que pressupunha uma causa emocional ou psicológica para o fenômeno. Em meio do século

⁵ Estar ou ficar concentrado, absorto, ocupado consigo mesmo e sem interesse pelo que está em volta. (FERREIRA, 2011).

⁶ Estado mórbido caracterizado por um conjunto de sinais e sintomas, e que pode ser produzido por mais de uma causa. (FERREIRA, 2011).

XX, a busca pelo tratamento psicanalítico era intensa. As crianças passavam por sessões diárias, inclusive no domingo, e o preço pago era alto. Assim, famílias vendiam seus bens na esperança de que aquele método as ajudasse a corrigir o erro que haviam cometido na criação de seus filhos.

A partir de 1980 foram surgindo novas tecnologias de estudo, as quais permitiam investigação mais minuciosa do funcionamento do cérebro da pessoa com exames como tomografia⁷ ou ressonância magnética. Doenças que anteriormente eram estudadas apenas a partir de uma perspectiva psicodinâmica passaram a ser estudadas de maneiras mais cuidadosas.

Segundo Leblanc & Page (1988) citado por Lou Royo (2012, p. 243) em seu livro “Bases Psicopedagógicas da Educação Especial”, diz:

Atualmente, desde que especificidade do autismo vem sendo definida cada vez com maior precisão, mesmo que apenas no nível condutual, o problema é considerado uma síndrome caracterizada por uma série de elementos e déficit que são necessariamente exclusivos dele mas se combinam de diversas maneiras nas diferentes crianças.

Também se observam diferentes graus de gravidade o que levou alguns autores a proporem o termo “espectro autista” como mais próximo da realidade (LOU ROYO, 2012, p. 243). Lewis (1991) e Rivièri (1991) citados por Lou Royo (2012, p. 248) compartilham a opinião de que é preciso maior conhecimento sobre os mecanismos subjacentes ao desenvolvimento da criança não autista e a influencia de fatores perceptivos, cognitivos, sócio emocionais e comunicativos, especialmente nos primeiros anos do desenvolvimento, e de que o autismo pode ser a área para o estudo desses mecanismos.

Na mesma perspectiva, Vilmar Miguel de Brito (2006) defende que a palavra autismo pode ser associada a diversas síndromes. Os sintomas variam amplamente, o que explica o por que, atualmente refere-se ao autismo como um espectro de transtornos. Alguns são diagnosticados simplesmente como autismo, traços autísticos, etc. Além destes, existem diversas síndromes identificáveis geneticamente ou que apresentam quadros diagnósticos característicos, que também estão englobadas no Espectro do Autismo.

A partir dos estudos realizados, é possível descrever as principais alterações presentes no autismo, que são:

⁷ Exame radiológico que fornece imagens de órgãos existentes num plano determinado. (FERREIRA, 2011).

<p>Alterações na interação social:</p> <ul style="list-style-type: none"> • não orientação precoce a estímulos sociais; • rejeição ativa à interação; • falta de reconhecimento de emoções; • resistência ao contato físico.
<p>Alterações na linguagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • mutismo; • comunicação não verbal (gestual) anômala. <p>- Caso exista linguagem:</p> <ul style="list-style-type: none"> • déficits prosódicos (entonação anormal); • maior dificuldade de compreensão do que de produção; • ecolalia; • dificuldade para seguir o sistema de turnos e o tema numa conversação; • inversão pronominal; • discurso com maior presença de substantivos e verbos do que de advérbios e preposições; • atraso fonoarticulatório.
<p>Condutas estereotipadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • condutas autolesivas; • condutas de autoestimulação sinestésicas (balanceamento), auditivas (repetições de palavras ou sons), táteis etc.; • pouca resistência à mudança ambiental; • jogos ritualizados.
<p>Outras características:</p> <ul style="list-style-type: none"> • respostas perceptivas atípicas (hiper e hipossensibilidade aos estímulos sensoriais); • dificuldades na imitação e na aprendizagem por observação; • dificuldades para tolerar a frustração; • dificuldades na atenção; • dificuldades na generalização de aprendizagens.

FIGURA 1: Principais características presentes no autismo.
 FONTE: LOU ROYO, 2012.

Em concórdia com a figura 1, e conforme os estudos realizados percebe-se que a síndrome, segundo Eliane Marinho e Vânia Lucia Merkle (2009) destaca-se que independente da sua classificação psicogenética ou biológica é notório que a criança com autismo apresenta déficits na área social, na linguagem, na comunicação, no comportamento e pensamento.

Assim, o diagnóstico do autismo é clínico e feito através de observação direta do comportamento e de uma entrevista com os pais ou responsáveis. Os sintomas costumam estar presentes antes dos 3 anos de idade, sendo possível fazer o diagnóstico por volta dos 18 meses de idade, e iniciar o tratamento. Segundo a Associação dos Amigos do Autista (AMA)⁸ o tratamento consiste em intervenções psicoeducacionais, orientação familiar, desenvolvimento da linguagem e/ou comunicação, e de que o ideal é que uma equipe multidisciplinar avalie e proponha um programa de intervenção. Dentre alguns profissionais estão: psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e educador físico.

As pessoas com autismo têm um modo diferente de aprender, organizar e processar as informações. Para respeitar estas diferenças, elas precisam de ambientes estruturados e

⁸ Associação de Amigos do Autista é uma associação de caráter assistencial, beneficente, sem fins lucrativos, com o objetivo de criar programas educacionais de adaptação e integração social às pessoas com autismo (s/d). Disponível em: <<http://www.ama.org.br>>. Acesso em 13 dez. 2012.

organizados, pois normalmente as pessoas com autismo têm dificuldades em mudarem suas rotinas diárias, por conta disso precisam de instituições educacionais bem estruturadas, com profissionais especializados, que possam possibilitar um tratamento mais apropriado em seus diversos graus de comprometimento (MELLO, 2004).

Sendo assim, o autismo pode ser definido como um distúrbio caracterizado por alterações que se manifestam, sempre, na interação social, na comunicação e no comportamento, porém não há padrões fixos para a forma na qual se manifesta, em geral, os sintomas tornam-se evidentes gradativamente (UNIÃO DE PAIS PELO AUTISMO, 2011).

No próximo capítulo estudam-se as intervenções para a aprendizagem da criança com autismo no ambiente escolar, onde esses métodos abordam os principais sintomas ligados às questões sociais, de comunicação e cognitivas centrais do autismo.

3 MÉTODOS PARA A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM AUTISMO NA SALA DE AULA

Sabe-se que é imprescindível o papel do professor durante todo processo de aprendizagem do aluno com autismo, e que é de extrema importância que o mesmo assessore a criança com autismo nas atividades propostas, incentivando a sua participação e quando isso não for possível, oferecer uma atividade paralela ou mesmo mudar de ambiente com ele.

A tarefa educativa de uma criança com autismo põe à prova os recursos e as habilidades de um professor, pois, pode se impressionar com a capacidade de aprender desse aluno quando a forma de ensino adotada for bem adequada (MONTE; SANTOS, 2004). A promoção da aprendizagem é a principal função do docente e deve ser sempre o objetivo da prática pedagógica com os alunos com autismo. Para isso, o ensino tem de ser sistemático, estruturado e bem adaptado às necessidades da criança a partir de uma criteriosa avaliação do aluno. Riviére (1989) citado por Lou Royo (2012, p. 253) afirma que: “O mais importante é contar, com base em princípios educativos como assumidos, com um atendimento individualizado e baseado no conhecimento profundo de cada criança, tendo presente a variabilidade que invalida qualquer tentativa de elaborar um “pacote educacional” geral para todas as crianças autistas”.

Por conta disso, todas as atividades que forem realizadas com a criança com autismo precisam ser planejadas, pois, caso seja algo improvisado poderá não ser proveitoso. Assim, seja qual for o objetivo deve se estabelecer previamente como e quando se fará a aprendizagem. Em geral, os objetivos colocados terão de observar uma série de normas: 1) Ir

do mais simples ao mais complexo; 2) Do concreto ao abstrato; 3) Da diretiva à promoção da autonomia; 4) Da imitação à espontaneidade (TAURE *apud* LOU ROYO, 2012, p. 256).

Lou Royo (2012, p. 256) compartilha a ideia de outros autores quando diz que a modificação de conduta é a arma crucial:

Sua eficácia tem sido repetidamente demonstrada e sabemos que as crianças autistas se beneficiam muito da aprendizagem por condicionamento operante e conseguem expressivos avanços mediante estas técnicas, derivadas da análise funcional de conduta.

A maioria dos alunos autistas se distrai por alguma coisa específica, assim, a identificação desse elemento de distração é o primeiro passo para ajudá-lo no aprendizado. O que deve ser notado, é que os estímulos visuais e auditivos são meios caracterizadores da atenção e que, se usados de forma direcionada, podem ajudar a construir rotinas consistentes de trabalho, destacar sequências de eventos e fazer com que os alunos com autismo se lembrem da ordem adequada a seguir, já que frequentemente não se lembram da ordem precisa das tarefas.

Segundo o site “AUTIMISMO”⁹ criado por Andréa Simon desde 2002, quando visitou o Brasil e percebeu que muitos pais mostraram interesse em alguns métodos que usa com seu filho, resolveu então criar esse site para esclarecer informações pelo fato delas estarem em inglês ou não serem disponibilizadas para o público em geral, assim, trazendo explicações sobre a compreensão desta síndrome e dos métodos para trabalhar com esta criança, mostra que existem variados programas que são vistos como os mais importantes e usados para uma aprendizagem significativa, como: O “*The SCERTS Model*” (*SCERTS - Social communication, Emotional regulation and Transactional Support - Comunicação Social, Regulação Emocional e Suporte para Transição - mudanças*); o *ABA - Applied Behavior Analysis* (Análise aplicada do comportamento); o *PECS - Picture Exchange Communication System* (Comunicação usando trocas de fotos) e o *TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children - Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Desvantagens na Comunicação)*.

O primeiro método citado usado para o desenvolvimento da aprendizagem da criança com autismo é o “*The SCERTS Model*”. Este programa foi desenvolvido a partir de 25 anos de pesquisas práticas em clínicas educacionais, em escolas, pelo Dr. Barry Prizant, Dr^a Amy Wetherby, Ms. Emily Rubin, Ms. Amy Laurent e Dr. Patrick Rydell uma equipe multidisciplinar

⁹ Site AUTIMISMO é uma página que fornece apoio e informações para compreensão desta síndrome, métodos, além de compartilhar experiências sobre diversos casos (s/d). Disponível em: <<http://www.autismo.com.br>>. Acesso em 09 dez. 2012.

de profissionais treinados em problemas de comunicação, educação especial, terapia ocupacional, desenvolvimento e comportamento psicológico.

Cada profissional trouxe a sua experiência para elaborar o *The SCERTS Model* que tem o objetivo de desenvolver a capacidade de comunicação através de um sistema convencional simbólico. O desenvolvimento emocional é o suporte de transição para uma melhor produção na escola, na casa e na comunidade. Cada indivíduo deverá ser estimulado segundo suas necessidades próprias e as metas a serem atingidas.

O programa tem como objetivo ajudar o autista a ser mais competente e ganhar confiança na comunicação e, com isso, participando de atividades sociais. Duas áreas são levadas em consideração na função da comunicação social: 1) A junção da habilidade de atenção, assim o indivíduo se torna mais capaz em dividir a atenção, emoção, expressar atenções com outras pessoas e obter consciência em situações sociais; 2) Desenvolver a capacidade do comportamento simbólico para aumentar a comunicação que inclui gestos, objetos para comunicar, linguagem de sinais, PECS, para estimular qualquer iniciativa de começar a falar (SIMON, 2012).

O alvo do *SCERTS* é usar vários métodos de comunicação tendo, desta forma, melhores resultados: se uma estratégia não funcionar outra poderá dar certo. Também se acredita que o indivíduo terá mais competência na comunicação quando se usam diferentes tipos de comunicação para diferentes situações como expressar necessidades, dividir observações e experiências, expressar emoções e engajar-se em situações sociais.

Sabe-se que se o indivíduo obtém uma melhor compreensão das experiências do dia a dia terá mais confiança em si mesmo. Uma grande oportunidade de aprendizado na infância é através de brincadeiras e o uso da linguagem e comunicação não verbal. Com isso quanto mais se expuser a estas situações, mais oportunidade terá de aprender.

Em seguida, o ABA que foi desenvolvido pelo Dr. O. I. Lovaas da Universidade da Califórnia do Norte em Los Angeles é umas das terapias mais conhecidas para se trabalhar com as crianças que tem autismo. Consiste em ensinar habilidades dividindo-as em etapas e recompensando as respostas corretas. Esta terapia pode ser usada para corrigir comportamentos e também para ajudar a adquirir novas habilidades. O ABA é utilizado geralmente de 30 a 40 horas por semana individualmente, com a ajuda de um profissional (SIMON, 2012).

Já o PECS visa um processo auxiliar no desenvolvimento da linguagem e propõe-se a implementar um 'caminho' de comunicação entre o aluno com autismo e o meio que o cerca. Algumas crianças com autismo desenvolvem a chamada linguagem tradicional, entretanto,

outras talvez nunca falem, mas poderão utilizar um instrumento preciso para se relacionarem ('falar') com o mundo e expressarem seus anseios e desejos.

O PECS é esse instrumento fundamental para assessorar e compreender a rotina. Criado há mais de 12 anos pelo *Delaware Autistic Program*, esse método baseia-se no ABA e ensina a criança com autismo a trocar uma foto por algo que deseja. A vantagem do PECS é a sua simplicidade e racionalidade em proporcionar uma resposta primária por parte dessa criança, ou seja, ele escolhe a foto (visual) do PECS que demonstra o que quer estabelecendo a comunicação com os outros e, em muitos casos, promovendo o desenvolvimento da fala. Vale ressaltar que a primeira 'língua' da maioria dos autistas é a visual (SIMON, 2012).

E por último aparece o TEACCH pela Universidade da Carolina do Norte e que tem como princípios básicos de sua filosofia:

- Propiciar o desenvolvimento adequado e compatível com as potencialidades e a faixa etária do paciente;
- Funcionalidade (aquisição de habilidades que tenham função prática);
- Independência (desenvolvimento de capacidades que permitam maior autonomia possível);
- Integração de prioridades entre família e programa, ou seja, objetivos a serem alcançados devem ser únicos e a estratégias adotadas devem ser uniformes (SIMON, 2012).

Dentro desse método, é estabelecido um plano terapêutico individual, onde é definida uma programação diária para essa criança. O aprendizado parte de objetos concretos e passa gradativamente para modelos representacionais e simbólicos, de acordo com as possibilidades do paciente. Assim respondendo às necessidades individuais da criança com autismo se valendo das melhores abordagens, técnicas, estratégias e métodos disponíveis até o momento para educá-las e oferecer o máximo de autonomia e inserção social que elas possam alcançar (AMA, 2012).

Destaca-se que independente da instituição que esse aluno está inserido, neste sentido cabe ao educador auxiliar seu aluno para que encontre no meio de convívio e descubra as respostas no seu dia a dia, sendo estas individuais para cada educando.

No caso de alunos com autismo, também é responsabilidade da escola e do educador auxiliar a criança a melhorar o desenvolvimento de aptidões sociais, pois isso é fundamental para ajudá-las a terem um maior envolvimento no mundo o qual está inserido. Sabe-se que com a ajuda precoce com aptidões interativas reduz o isolamento e a ocorrência de comportamentos repetitivos. Porém, é preciso levar em conta que as crianças com autismo têm suas dificuldades em diversas áreas além do convívio social (MELLO, 2003).

Escolas regulares têm o maior número de alunos que não possuem qualquer síndrome ou doença, assim dificultando a inserção dessa criança em sala de aula, acarretando uma série de problemas, como a “cegueira mental”, que é quando o indivíduo tem grande dificuldade em entender o ponto de vista, as ideias ou sentimentos alheios; considerar o mundo do ponto de vista de outro é muito difícil para quase todas essas crianças. Portanto, é comum indivíduos com autismo, parecerem egoístas e terem um comportamento distinto de outras crianças (WILLIAMS, WRIGHT, 2008).

Há muito a ser feito para que se possa diferenciar um sistema como apto a oferecer oportunidades educacionais a todos os seus alunos, de acordo com as especificidades de cada um, mesmo que existam métodos eficazes como os que foram citados. O sucesso das propostas de inclusão decorre da adaptação-do processo escolar à diversidade dos alunos. A escola e os professores precisam ser bem preparados para receber esses alunos, pois inclusão não é simplesmente colocar a essa criança em uma escola regular, esperando assim que ela comece a imitar as crianças ditas “normais”.

Para ensinar da melhor maneira os alunos com autismo, o professor necessita organizar-se com seu método de trabalho, seu material de apoio, com sua sala de aula, proporcionando assim ao aluno uma aprendizagem e um espaço físico apropriado. É necessário que o educador auxilie seus educandos, porém dando um suporte para que ele se torne o mais independente possível, pois, por mais que esse indivíduo tenha um mundo “limitado”, que faz com que ele apresente dificuldades de aprendizagem, ele tem capacidade de compreensão, por isso o educador, tem que educar essas crianças com todo respeito e incluindo-os na sociedade, seja dentro ou fora de uma sala de aula.

4 A RELAÇÃO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM AUTISMO: ORIENTAÇÕES PARA PROFESSORES E FAMILIARES

Neste capítulo abordam-se algumas relações de aprendizagem que o aluno com autismo pode ser inserido e alguns indicativos para pais e professores que estão em constante construção do conhecimento desta criança.

Segundo a teoria de Vygotsky (1991) a aprendizagem promove o desenvolvimento. Ou seja, a aprendizagem estabelece o desenvolvimento do sujeito. A cultura que define por aonde o sujeito vai, seja nas suas experiências de aprendizagens, assim, a aprendizagem se dá de fora para dentro, devido à importância da inserção do sujeito no mundo. De acordo com o

autor “O aprendizado é considerado um processo puramente externo que não está envolvido ativamente no desenvolvimento. Ele simplesmente se utilizaria dos avanços do desenvolvimento em vez de fornecer um impulso para modificar seu curso” (VIGOTSKI, 1991, p. 87).

Nessa perspectiva, para Vygotsky (1991), o professor é figura essencial do saber por representar um elo intermediário entre o aluno e o conhecimento disponível no ambiente, a interação tem uma função central no processo de internalização. Ou seja, afirma que o caminho do objeto até a criança e dela até o objeto passa por outra pessoa.

Segundo Pimenta (2011, s/p) é necessário que o professor seja esse elo intermediário de uma maneira que:

- Penetre no mundo autista;
- Se concentre no contato visual;
- Compartilhe com essa criança suas brincadeiras;
- Procure sempre enriquecer sua comunicação;
- Mostre a cada palavra uma ação e a cada ação uma palavra;
- Torne hábitos cotidianos agradáveis;
- Faça tudo com serenidade, voz calma, mas, clara e firme.

Assim, o conceito de aprendizagem mediada confere um papel privilegiado ao professor, pois, muitos casos de comportamentos autísticos foram percebidos primeiramente no ambiente escolar (CUNHA 2010). Mello (2004, p. 70) também defende a ideia quando diz

[...] na grande maioria dos métodos e seleção de um sistema de comunicação que seja realmente compreensível para a criança tem tanta importância quanto às estratégias educacionais adotadas. A educação vista dessa forma, tem como meta ensinar tantos materiais acadêmicos quantas coisas que outras crianças costumam aprender através da própria experiência, como comer e vestir-se de forma independente.

Dessa maneira, um ensino estruturado pode introduzir um novo repertório de competências ao mesmo tempo em que pode aumentar a autonomia com relação às atividades de vida diária. Sobre isso, Cunha (2010, p. 34) ainda afirma que:

Para o aluno com autismo, a princípio, o que importa não é tanto a capacidade acadêmica, mas sim a aquisição de habilidades sociais e autonomia. A atribuição do educador é a de promover e dispor de uma série de condições educativas em um ambiente expressamente preparado.

Rocha (2009) considera que o autismo é apontado por setores científicos um dos principais transtornos infantis. Assim como, para Assumpção e Pimentel (2000), o autismo corresponde a um quadro de complexidade que exige abordagens multidisciplinares sejam efetivadas visando não somente a questão educacional e da socialização, mas também a questão médica e a tentativa de estabelecer etiologias e quadros clínicos bem definidos, passíveis de prognósticos precisos e abordagens terapêuticas eficazes. Seguindo esse panorama, Cunha (2010), afirma que, o professor tem que saber que, ao iniciar o processo de inclusão de uma criança com necessidades educacionais especiais associadas ao autismo infantil, pode sentir-se incapaz de interagir com esse indivíduo, pois a sensação é de que a criança apenas se recusa a interagir com o professor e a aprender qualquer coisa proposta por ele, por isso, o autismo quer do professor um estudo e uma dedicação para além da condição humana autista.

Observa-se que devido o aluno apresentar dificuldade na comunicação verbal, é importante que essa seja baseada no concreto, ou seja, objetos ou figuras. Assim, destaca o comportamento obsessivo e ritualístico, como apego a uma rotina rígida e obsessão por objetos que rodam e balançam, como por exemplo, uma roda de bicicleta, que se enquadra na dificuldade de imaginação que se estende por várias áreas do pensamento e afeta diretamente qualquer tentativa de educação.

Dessa maneira, o nível de desenvolvimento da aprendizagem da criança geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. Geralmente as crianças com autismo aprendem melhor vendo do que ouvindo, por essa razão é preciso explorar esse método ao máximo, quando ainda são pequenas, por isso, é necessário que o professor seja persistente, mesmo que após várias tentativas ela não consiga aprender. Para Cunha (2010, p. 32): “O grande foco na educação deve estar no processo de aprendizagem e não nos resultados, pois, nem sempre, eles virão de maneira rápida e como esperamos”.

Porém, é evidente que não se adquire conhecimentos apenas com os educadores: na perspectiva da teoria sociocultural desenvolvida por Vygotsky, a aprendizagem é uma atividade conjunta, em que relações colaborativas entre alunos podem e devem ter espaço. Sendo assim, para um melhor rendimento na aprendizagem cabe aos pais realizar essa atividade paralela, pois a aprendizagem da criança com autismo pode ser demorada e de maneira diferenciada, mas nunca de maneira limitada basta ter determinação e coragem para buscar uma nova forma de educar. “Não existe o fundo do poço para a inteligência humana e que há sempre uma saída que qualquer um pode enxergar, é só desejar” (CUNHA, 2010, p.

15). Como o autor nos diz, a aprendizagem da criança com autismo pode ser mais fácil do que se espera, basta acreditar e fazer acontecer.

Assim como é de suma importância os profissionais que estão envolvidos nesse processo, os pais são os primeiros que vão ter contato e acesso aos estímulos de seus filhos, para proporcionar-lhes uma melhoria de condição de vida auxiliando-os para que se insiram num contexto social e aprendam a conviver com o meio que lhes cerca.

Quando os pais descobrem que seu filho tem autismo o primeiro pensamento na maioria dos casos é que seu filho logo se recupera. De fato o autismo é para a vida toda. Então, a partir dessa realidade é relevante que os pais estejam atentos desde o nascimento de seus filhos, buscando identificar possíveis sinais de autismo na criança e procurando orientação assim que fora descoberto algum sintoma.

E então, dado o diagnóstico para facilitar a vida desse individuo é necessário ajudá-lo a compreender o mundo que está inserido facilitando ou até antecipando seus atos, ao invés de dar ordens é mais fácil explicar de maneira bem detalhada o que ele precisa fazer. Ou seja, de maneira calma e sob qualquer atividade que necessita realizar, pois, crianças com autismo têm um ritmo que precisa ser respeitado, tem que haver conversas sem ser feito as pressas. Daniella Carla (2008, s/p), pedagoga e psicopedagoga clínica, afirma que “essas crianças necessitam de instruções claras e precisas que devem ser essencialmente funcionais, ligadas diretamente a elas”.

Entende-se que há uma necessidade de estímulos através de elogios, pois na falta disso, essa criança sente que ‘faz tudo errado’ e pode perder o interesse por muitas coisas. São necessárias algumas ordens para realizarem tarefas, mesmo com algumas dificuldades de entendimento é importante ajudá-lo para que ele entenda o que se pede, e nunca permitindo que ele seja inativo. Estimular sempre é de grande valia que ele realize atividades que estimulem sua capacidade de autonomia, mas, não de maneira que se sintam ‘invadidos’ e sem privacidade ao ponto de ser estimulado demasiadamente. Cunha (2010, p. 33) afirma que: “É importante não tentar muitas mudanças ao mesmo tempo. O aprendente precisa visualizar somente os materiais ou os brinquedos que trabalhará, para que haja a maior concentração o possível”.

Nessa perspectiva, é relevante haver um comprometimento tanto dos profissionais envolvidos nesse processo quanto dos familiares, pois, ambas as partes devem caminhar agrupadas. Torna-se necessário este entrosamento para que os alunos com autismo tenham uma aprendizagem sequencial, na qual, os pais colaboram diretamente com as propostas da

escola, e a escola também se propõe interagir com os familiares, resultando, assim, um bom desenvolvimento e crescimento para ambas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou ao leitor a história do autismo e de que forma essa síndrome era tratada na época do seu descobrimento, a reação dos pais ao se depararem que seus filhos tinham indicativos do autismo tendo em vista que era uma síndrome que afeta no comportamento que interfere a relação social, a linguagem, e a aprendizagem.

Apresentou também as particularidades cognitivas das crianças com autismo possibilitando ao leitor o entendimento minucioso de como lidar com esses educandos, e os métodos que já foram criados para auxiliar a criança autista a ganhar confiança na comunicação e assim conseguir participar de atividades sociais.

O professor tem suma importância numa relação no processo de ensino-aprendizagem, portanto é necessário que o mesmo reveja sua metodologia para uma possível compreensão do educando. Mesmo sabendo que tais métodos de intervenção educacionais não solucionam todos os problemas, mas ainda que relacionado com trabalhos já desenvolvidos nesta área, visa à melhora da qualidade de vida desta criança. Entretanto neste contexto, as estratégias educacionais tornam-se imprescindíveis para o crescimento do aluno, pois tudo depende da forma e relação de aprendizagem.

Dessa forma, quem lida com crianças com autismo, é necessário que saiba até mesmo a maneira de conversação com a mesma e estar ciente da maneira que ela recebe as informações, que é um pouco mais lenta do que para as crianças ditas “normais”. Foram apresentadas algumas dicas para os profissionais da educação e para os pais dessas crianças, para que compreendam as particularidades na aprendizagem desta crianças e da necessidade de um método especializado de direcionamento, pois sabe-se que a escola e a família é fundamental na base da construção de conhecimento de uma criança.

Sendo assim, a criança com autismo precisa de um suporte direcionado para um fácil entendimento, para ela tornar-se capaz de adquirir a capacidade de autonomia conseguindo estabelecer relações de aprendizagem. Sabe-se que o maior obstáculo da pessoa com autismo é sua interação com o meio, portanto é de grande valia um estudo de comportamento do autismo. Sendo assim fica mais claro saber como lidar com esses casos, principalmente quando se trata de criança/aluno.

É fundamental não apenas estar cientes das dificuldades desses alunos mas também a forma que eles aprendem, que apesar de baixa e lenta, não é escassa. É relevante realizar estudos sobre esse tema, afinal muitos mitos são eliminados e muitos comportamentos estereotipados podem ser tratados com outra visão que poderá resultar a aquisição de novos resultados. A promoção de novas pesquisas sobre o tema, afinal a sempre uma nova descoberta a fazer, um novo jeito de aprender e ensinar fazendo com que aos poucos esse diferencial se torna uma prática diária da escola e família. Assim ficará possível realizar um método que prioriza a maneira que uma criança com autismo aprende sem exigir que ela seja igual as demais crianças, e sim respeitando sua maneira de aprender e de se relacionar com o meio.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão** – Dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo / coordenação geral – Francisca Roseneide Furtado do Monte. Idê Borges dos Santos – Brasília: MEC, SEESP, 2004.

BRITO, Vilmar Miguel. **O Aluno Autista e o Processo de Aprendizagem**, 2006. Disponível em: < <http://amigonerd.net/sociais-aplicadas/psicologia/o-aluno-autista-e-o-processo-de-aprendizagem>>. Acesso em: 20 de abril de 2013.

CARLA, Daniella. **O Pedagogo na Educação da Criança Autista**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/o-pedagogo-na-educacao-da-crianca-autista/4113/>>. Acesso em: 16 de março de 2013.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Curitiba: Positivo, 2011.

LOU ROYO, Maria Angeles. **Bases Psicopedagógicas da Educação Especial**. São Paulo: Vozes, 2012.

MARINHO, Eliane A. R. e MERKLE, Vânia Lucia B. **Um olhar sobre o autismo e sua especificação**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1913_1023.pdf>. Acesso em: 16 de março de 2013.

MELLO, Ana Maria. **Autismo Guia Prático**. 2 ed. São Paulo: Corde, 2003.

_____. **Autismo Guia Prático**. 4 ed. São Paulo: Corde, 2004.

MENDES, Alessandro Araújo. **Um novo olhar sobre o autismo:** a educação dos autistas e a teoria de modificabilidade cognitiva. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/17494449/113696342/name/A+EDUCA%C3%87%C3%83O+DE+AUTISTAS+E+A+TEORIA+DA+MODIFICABILIDADE.pdf>>. Acesso em: 11 de maio de 2013.

ROCHA, Fúlvio. Questões sobre a alteridade no autismo infantil. **Estilos da Clínica**. 2009, Vol. XIV, nº 27, p. 150-171. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/download/46068/49693>>. Acesso em: 11 de maio de 2013.

SILVA, Alexandre Costa. **Abordagem Comportamental do Autismo**. Disponível em: <http://www.michelleguerra.com.br/pdf/Abordagem_Comportamental_do_Autismo.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2012.

VYGOTSKI, Lev Semenovitch . **A formação social da mente:** O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WILLIAMS, Chris & WRIGHT, Barry. **Convivendo com Autismo e Síndrome de Asperger**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2008.

Sites referenciados:

Site Autismo. Página oficial: <<http://www.autismo.com.br>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2012.

Site União de Pais pelo Autismo (UPPA): Página oficial: <<http://www.uniaodepaispeloautismo.blogspot.com/>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2012.

Site AMA – Associação de Amigos do Autista. Página oficial: <<http://www.ama.org>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2012.